

## **Tessituras de uma *Era Nova*: Paraíba dos anos 1920**

ALZIRA DE CÁSSIA DA SILVA RODRIGUES\*

### *Artigo de Fundo*

No século XX a historiografia passa por transformações acerca do que se compreende por documento, favorecendo a ampliação da definição de fontes, que por sua vez admitiu uma maior diversificação na pesquisa historiográfica, rachando a cristalização dos documentos ditos oficiais, na busca pela “verdade” dos fatos. Peter Burke (2005) ao explanar sobre um campo da História Cultural que se intensifica na década de 1980, a Nova História Cultural, destaca seu acolhimento às diversas abordagens e saberes sobre o passado. Isso se deve, em parte, a sua estreita relação e diálogos com outros campos do saber, em especial a antropologia, a sociologia, a linguística entre outros, que possibilitou a visibilização de temáticas que eram tidas como insignificantes ou pertencentes a outras áreas de estudo. “A emergência de novos objetos no seio das questões históricas [...] representava a constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros” (CHARTIER, 2002, p. 14). Quanto a isso Le Goff (1996, p.540) nos incentiva a tomar a palavra documento num sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, ou seja, “com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais”.

Nesse sentido, tomamos como fonte e objeto para a pesquisa, o periódico *Era Nova* que apresentava-se a época com caráter literário e noticioso, buscando com isso historicizar e conhecer melhor sua vida e tessituras, lançando mão, para tanto, de rápidas notas, sobre seu corpo dirigente, objetivando uma melhor compreensão sobre, quem eram os autores sociais, o que diziam, para quem dirigiam seus discursos, e com que propósito. Percebendo, a revista como arquivo, rico em representações e difusões comportamentais, passível de indagações quanto suas definições e estratégias modeladoras, sobre as construções do cotidiano.

Tais discussões são permeadas pelo campo relacional História e Literatura que segundo Roger Chartier (1999) se faz mediada pela identificação histórica da pluralidade das

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

operações e dos atores, na produção e publicação de qualquer texto, bem como os efeitos advindos de sua materialidade que influenciam a construção do sentido, mas, sobretudo, de

“considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam ao mesmo tempo os materiais e matizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão.” (p.197) Complementando essa condição João Batista Pereira (2009) ressalta que a separação entre História e Literatura, já não encontra sustentação com o discurso opositor respectivamente entre fato e subjetividade, esta última vinculada à imaginação, já que o aprofundamento analítico de cada uma delas diluiria tal rigorosa separação.

A nosso ver, se utilizar de narrativas literárias não é tomá-las como a descrição fiel do passado, mas sitio de indícios, vestígios, de uma sensibilidade social. São os valores, os medos, as aspirações, os preconceitos que se deixam transparecer através de personagens que são forjados a luz do tempo do autor, mesmo que seja para expressar o que se deseja, e não o que é.

Chalhoub (2009), por sua vez, chama a atenção para a conjuntura social, considerando que qualquer testemunho sobre o passado, seja ele histórico ou literário, visa instituir o real, e é uma invenção do real, por isso não acontece fora do seu contexto, assim temos que investigar as redes de interlocução social pertinentes ao testemunho, pois seu autor não escreve de um lugar incognoscível, mas sim de um lugar social.

### **Um breve relato de uma *Era Nova***

A *Era Nova*<sup>1</sup> foi uma revista quinzenal ilustrada da década de 1920, produzida na Paraíba. A princípio foi fundada na cidade de Bananeira/PB e logo depois seu núcleo foi transferido para a Parahyba do Norte. Se manteve circulando de 1921 a 1926, quando, dela, se tem notícia pela última vez. Seu primeiro nº, do ano I, data de 27 de março de 1921, sendo oficialmente apresentada por seu diretor Severino de Lucena e seu redator-chefe Guimarães Sobrinho, com a proposta de inaugurar uma nova era nos círculos literários e intelectuais paraibanos.

Segundo Fátima Araújo (1986) a revista, é um veículo de comunicação voltada para o estudo e a explicação dos fatos de forma mais completa que os jornais. Mas não é só nisso que

---

<sup>1</sup> O nome da revista *Era Nova* nos é explicado pelos editores como uma homenagem a um periódico homônimo, que contou com a colaboração de alguns jovens bananeirenses, por outro lado o nome também faz alusão aos seus propósitos de elevar a revista ao mais feliz destino, a fim de contribuir para um Era Nova, ao seu meio, em que se concentrassem suas ideias e aspirações de arte, letras e civismo em prol da moral e ordem paraibana.

elas divergem, as magazines mantêm também um bom espaço para as ilustrações variadas e de preferência, a depender dos recursos, policromica.

Fica claro, para nós, que não só a formatação, mas a dinâmica entre jornais e revistas percorrem insígnias diferentes, a própria materialidade de uma revista, responde a outros fatores, que não são os mesmos de um jornal. Por exemplo, é evidente que o jornal deve se manter com um tipo de papel de custo módico, haja vista, seu elevado nível de publicação, que na maior parte das vezes é diário. Diferente, sem dúvida, de uma revista, que conta, grosso modo, com um nível regular de publicações mensais ou quinzenais, e na melhor das expectativas, semanal.

A essa característica devemos, de certo, um dos fatores que mais chamou a atenção para a *Era Nova*, tanto nos dias de seu lançamento, quanto hoje. A distinta qualidade de suas impressões, o que exigia da revista um tipo melhor de papel, além de domínio técnico e gráfico. Neste caso, o papel utilizado era o *couché*<sup>2</sup>, o que permitia a utilização da policromia em cima de variados clichês e ornamentação de páginas, que segunda uma nota da própria revista estava a “mercê dos lováveis esforços dos seus diretores, em suas oficinas, num edifício amplo e elegante, secções moderníssimas de gravuras, clichagem e polychromia, vindas diretamente da Alemanha” (*Era Nova*, Parahyba, julho de 1923, nº48).

A análise feita por Alômia Abrantes (2011) nos informa sobre esse caráter vanguardista dessa revista,

*[...] o periódico quinzenal tornou-se à época ícone do moderno para um público de classe média urbana, inclusive pelo seu aspecto gráfico: impressa em papel couché, exibia então uma aparência primorosa, sendo ilustrada com muitas imagens – prevalecendo os retratos de pessoas – e, por vezes, utilizando cores e fontes diversas no texto, além de grafismos e delicados desenhos que ornaram as páginas, e tons de sépia em várias fotografias.*

*A Era Nova pode ser considerada uma precursora dessas práticas na imprensa brasileira. Além do que, sua impressão, de ótima qualidade para os padrões da época, garantia reproduções nítidas das fotografias, por vezes também fazendo uso do pictorialismo, caracterizado pelas técnicas de pintura sobre fotos. (ABRANTES, 2011, p.4)*

---

<sup>2</sup> Segundo informações retiradas do artigo, *História do Revestimento de Papel e Cartão no Brasil*, a nomenclatura, significa camada em francês, e foi inventado em 1860. Sendo um papel de melhor qualidade, por sua característica de alto brilho e uniformidade, é usado, no mercado gráfico, principalmente em folhetos, revistas, cartazes, livros de arte e uma infinidade de outros materiais que exigem qualidade de impressão. Só a partir da década de 60 que as primeiras empresas na produção de papel couché no surgem Brasil.

Notadamente, a *Era Nova* buscava se destacar e cativar um público específico, aquele de que também era composta sua própria estrutura, ou seja, a classe média letrada<sup>3</sup>. Não é à toa que até o terceiro ano da revista eram as moças da sociedade que estampavam as capas, bem como muitas das matérias. Quanto às imagens, na maior parte das vezes, não estavam diretamente associadas ao texto. Contudo, seu uso remetia ao signo de requintes, o que colocava as pessoas que ali apareciam ao mesmo patamar de elegância, respondendo a um desejo de instrução, por parte de uma sociedade paraibana, que se queria moderna. O meio artístico, nos anos vinte, buscava seu desenvolvimento no espaço sociocultural que se abria as letras e artes ganhando prestígio entre as classes mais abastardas, em especial a classe média, representando sua ascensão, ao compor os modelos europeizantes.

### ***Armadilhas da Sedução***

Ao trabalharmos com periódicos, temos que ter em conta certos apontamentos, mesmos quando suas páginas ousarem nos seduzir. É preciso certa distância para perceber e identificar uma série de aparatos pedagógicos que transpassam o texto e de que dispõe seus editores (RODRIGUES, 2011), por isso não devemos tomar os jornais e revistas como ingênuos e/ou aleatórios, como nos alerta Maurice Mouillaud (2002), antes, estes veículos, dispõem de uma organização cuidadosamente pensada e planejada. Não podemos separar o texto da materialidade que lhe dá suporte, ou seja, o lugar que aparecem as colunas, a sequência das sessões e o próprio escrito, não se mantém ausente do texto, interferindo na forma como vai ser recebido, o próprio ritmo e sequência da leitura. Não obstante, podemos atentar para seu caráter modelar e sugestionador expelindo, nas entrelinhas, sua subjetividade.

Ginzburg (1989) também nos alerta em seu *Paradigma Indiciário*, o cuidado que devemos ter para evitarmos a “desmaterialização do texto, continuamente depurado de todas as referências sensíveis”, ao compormos a crítica textual, antes devemos ter em conta que tudo a sua volta esta imbuído de significados, capas, ornamentos, papel, o próprio lugar e forma de leitura tem que ser levado em conta.

---

<sup>3</sup> De acordo com o Dicionário Político de Nobert Bobbio (1998), pensar classe sociais a partir do marxismo, corresponde a pensar grandes grupos sociais definidos por sua inserção nas relações fundamentais de produção dentro de um sistema econômico e social particular. Duas classes básicas existem no capitalismo, a classe dominante (que controla o excedente econômico) e a classe trabalhadora (vende sua força). Marx se referia a classe medias para identificar os burgueses que estavam no meio dessa escala.

Entre as principais ocupações do setor médio se tratava de advocacia, medicina, engenharia, comerciantes e claro os funcionários [políticos] públicos.

Tal cuidado com as fontes, não se reporta apenas ao periodismo, mas a toda sorte de documentos, tendo em mente que a linguagem, seja ela de caráter documental ou coloquial, não é isenta de intencionalidade.

*O documento não é inócuo. É antes de mais nada resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez, sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. (LE GOFF, 1996, p.548)*

É por isso que devemos desmontar todas as partes de que são compostos os documentos, desmistificá-los, não subestimá-los enquanto testemunhos ou indutor de poder. Como qualquer outra documentação, os periódicos necessitam de um aparato metodológico que nos distancie de um uso indiscriminado da fonte como embasamento da narrativa do passado.

Segundo Martins (2001) o primeiro cuidado ao se ter no trato das revistas é a clareza de que estas não são espelhos da sociedade, muitos dos seus discursos visavam atender um determinado grupo, visões de mundo em serviço muitas vezes da defesa das tradições e valores morais, anseios e opiniões públicas. O que não significa uma impossibilidade de se trabalhar com esta ordem documental, o contrário a importância do impresso, como testemunho do período, é incontestável como indícios do seu tempo. Mas seu trato requer alguns cuidados como, “levamos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos”. (p. 21)

Maria Tereza Cunha nos lembra das “armadilhas da sedução”, “pois nelas estão representadas normas, condutas e valores suscetíveis de se caracterizarem como uma forma de educação” (1999, p.18). Capa, títulos, fontes, tipografia, lugares, tem funções e finalidades, como algo que não está dito, mas está representado.

Pensando na materialidade da revista, a *Era Nova* manteve em média 16 números por ano, o que somaria um total de 100 números em seus seis anos de vida. A revista era editada numa média de 14 páginas, sendo 4 a 5 determinadas para as publicações de anúncios. O valor da assinatura anual variava de acordo com a localidade, no seu primeiro ano chegou a custar, 15\$000 para a capital e 20\$000 para o interior e sobre o número avulso se cobrava \$700. Com o passar dos anos esses valores aumentaram, mas diminuiu a diferença entre si, 20\$000 a

capital e 22\$000 o interior, enquanto que o número avulso sobre pra 1\$000 e 1\$500 respectivamente.

Foi, durante sua vida, editada nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial, contando com o apoio do governo, o que justifica em certa medida sua sobrevivência por um longo tempo, a época. Possibilitando a revista ser produzida numa qualidade alta, sem extrapolar seu preço. Quem nos informa desta sorte, é a própria revista, num pronunciamento ao seu 4º aniversário, respondendo a admiração alheia com sua longa vida.

*A explicação material disto esta no seguinte, que dizemos sem embaraço nem peias: Era Nova conta com o auxilio do governo da Parahyba, na sua impressão, que é feita nas oficinas da Imprensa Official. Embora paga pelos cofres desta revista, essa impressão não é reputada, para esse efeito pelo seu verdadeiro valor. A diminuição que nos é feita, entretanto parece esta sendo compensada sufficientemente na propaganda do Estado que decorre da publicação. (Era Nova, Parahyba, 1 de abril de 1925, nº76)*

Sem dúvida, a alegação da *Era Nova* sobre não estar vinculada a partidarismo político, fica um pouco desacreditada sobre tais circunstancias. Como nos lembra Fatima Araújo, aquela era uma época de ‘panelinhas’ só havendo oportunidade para os escolhidos das lideranças culturais e politicas (1989, p. 257), isso significa dizer que todo o corpus editorial e mesmo os colaboradores, além de escolhidos a dedo, certamente, traduziam o pensamento ideológico, e crenças do jornal que estavam inseridos. Sobre isso, Robert Darton descreve em *O beijo de lamourette*, a dinâmica de um jornal [acreditamos que o mesmo valha a uma revista] em que o processo de criação das matérias se dá a partir do olhar e desejo do editor, que se por um lado aponta quais as matérias que interessa aquele veículo, por outro, influencia igualmente no resultado final, considerando que a opinião do jornalista, grosso modo, tem que ter uma base comum à do corpo editorial.

### **“Esta revista”**

Estudar os periódicos é tratar de uma delicada, mas favorável, empreitada na busca de informações que nos forneça uma perspectiva dentro da paisagem cultural de determinada sociedade. A forma como esta era representada ou se auto representava, como se era dado a ler seus códigos cotidianos, a disputa pelo poder, seus valores e visões. Por isso nos interessa saber quem eram os homens por trás das letras. O que desejavam? O que os motivavam? São

perguntas das quais podemos sempre supor a resposta, através da fina brecha deixada pelos seus próprios relatos. Recorrendo mais uma vez a Ginzburg (1989) quando este nos lembra que faz parte do ofício do historiador, fazer uso de pistas, signos infinitesimais que permitem, através delas, captar uma realidade mais profunda, que de outra forma seria inatingível. Tal qual o caçador que aprendeu a reconstruir as “formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramas quebradas” o historiador aprende a “farejar, registrar, interpretar e classificar”, baseando-se sempre num saber venatório.

Em sua inaugural apresentação em um artigo de fundo intitulado “Esta Revista”, o corpo editorial nos diz sobre o que esperar desta magazine.

*Hemos de nos esforçar por fazel-a um orgam de publicidade que interesse a todas as classes e preparal-a com meticoloso acuramento, tornando a variada, amena, sabendo a todos os paladares na exuberância de suas especialidades, esclarecendo, destarte, ao industrial e ao comerciante, ao leitor burguez e ao leitor letrado e incentivando ao mesmo passo o amor dos jogos desportivos com ilustrações e applausos. Entreteremos de apreciar a vida política e administrativa sem, por isso, termos o menor rebuço de partidarismo. [...] Não temos outros compromissos, nem os desejamos ter, senão de discutir as questões, longe de tendências parciais ou pessoas, adscrevendo-nos aos preceitos da moral, ao acatamento da ordem e a integridade da justiça.(ERA NOVA, Parahyba, 27 de março de 1921, anno I, nº1)*

Segundo Martins (2001) independente do gênero, as revistas eram ideais como instrumento de veiculação da proposta formadora. Rara às vezes encontrar um periódico que “em cujo artigo de apresentação não houvesse a proposta de educação, cívica e por vezes, religiosa.” (p. 305) sua função pedagógica prefiguravam modelos, condutas e posturas.

Outro ponto digno de nota, diz respeito ao público a que se direciona. Considerando que se queira para todos os paladares, ainda assim é apta a nomear as classes abastardas da sociedade. A revista se dirigia a alta camada social e não a maioria da população, que ainda permanecia sem acesso aos ícones do moderno e suas lições.

Voltemos ao momento da sua concepção. Um editorial comemorativo do Centenário da Independência nos informa que em um dos rotineiros serões literários, seis jovens, eram eles, Guimarães Sobrinho, Severino Lucena, J.J. Gomes, José Pessoa, Epitácio Vidal e Horácio de Almeida, na propriedade de um dos moços, teciam fervorosos comentários acerca da condição intelectual da Paraíba e a necessidade de um órgão que elevasse o valor e o nível de debates

e/ou mesmo de circulação das letras paraibanas. Tal é o cenário em que surge a revista *Era Nova*. Vejamos a recordação que estes moços têm desse momento.

*Vivíamos neste tumulto de sonhos e aspirações. Entretanto, o que era preciso era objetivar alguma coisa. Foi assim que, em um dos nossos habituais serões literários, na residência de Guimarães Sobrinho, onde nos reuníamos para longas palestras e para chuchurrear um delicioso e aromático café, concertámos o plano formidável de fundar na Parahyba uma revista de letras. (Era Nova, Parahyba, edição do Centenário da independência do Brasil-1922, 1923) <sup>4</sup>*

Em seguida deste relato pomposo, a publicação Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, traz um editorial contendo uma breve apresentação, dos que compõe o corpus da revista, que julgamos ser interessante para pensar a conjuntura em que se encontrava esses moços. Optamos por levar em conta tanto o que era dito por estes, como o uso de outras referências que extrapolam tal documentação.

A primeira formação da revista, contava com Lucena como diretor, Sobrinho como secretario e redatores Almeida, Vidal e Pessoa e Gomes na parte comercial. Essa formatação, contudo, não se manteve. Ficando a definitiva a cargo do Lucena na direção, como redator-chefe Sobrinho, Vidal como secretario e, como novos integrantes, Mardokêo Nacre diretor técnico, Edgar Dantas na direção comercial e Vieira de Alencar, também na redação.

### **Apresentação à direção**

O que estes nomes tinham em comum, além do desejo, como já dito, de fazer prosperar a intelectualidade paraibana? Começamos então pela naturalidade dos moços, todos nasceram na Parahyba com exceção do pernambucano Mardokêo Nacre, que só mais tarde quando de seus quatorze anos viria residir no estado e do cearense Vieira de Alencar. Dois fatores, certamente, foram decisivos para que fosse possível a reunião desse grupo.

Primeiro, a faixa etária, pois, que contavam com uma grande proximidade nas idades, o que nos faz pensar que suas formações acadêmicas e inspirações ideológicas incidissem em pontos similares o que favoreceu a concordância e acertes quanto os percursos da *Era Nova*.

---

<sup>4</sup> O curioso dessa edição comemorativa do Centenário da Independência e que ela só é publicada no ano de 1923. Como se trata de uma publicação especial não conta com uma numeração, por isso é referida aqui apenas pelo título e ano.

Segundo, o lugar social e político à medida que figuravam pertencer ao que chamamos de classe média. Por mais que a Severino de Albuquerque Lucena seja imputado uma maior relação com a política, devido ser ele filho do governador, á época, Sólon de Lucena e ter sido nomeado seu oficial de gabinete, continuando a ocupar cargos políticos mesmo com a posterior entrada do João Suassuna (IHGP, 1999, p. 215-229). Não podemos deixar de lado a emblemática relação de outros componentes com questões políticas e sócias, como foi o caso do Mardokêo Nacre, que vinculado às problemáticas da classe operária, chegou a fazer parte importante de três jornais voltados para os operários como O Gutemberg, O Operário e o Nordeste Operário.

Synesio Guimarães Sobrinho e Eptácio Vidal também fizeram parte de periódicos considerados partidários, como é o caso d'A União. Sobre o primeiro um editorial da *Era Nova* faz alusão as suas primeiras experiências jornalísticas na cidade de Bananeiras que “encerrava uma parte da historia politica daquele ricão, numa phase de grande agitação partidária” (Era Nova, edição de Centenário da independência do Brasil-1922, 1923). Certo é que de uma forma ou de outra esses rapazes estavam às voltas com a política.

Grosso modo, a análise que fazemos dessas linhas é o paradoxo que se percebe na *Era Nova*, quando se considera ausente de partidarismo político, todavia, no número inaugural, os mesmos alertavam para o caráter ativista do veículo de comunicação que é a imprensa.

“A imprensa, quando livre e sobranceira, é o braço forte e recto que conduz os povos, domina as insurreições e aos governos democráticos aponta a aurora de uma existência nova.” (Era Nova, Parahyba, 27 de março de 1921, nº01) De tal sorte, que a subjetividade dos impressos, não era só um fato, mas também um fato declarado em função de ideias peculiares e que ao ver desses moços, serviam para elevar e engrandecer o espirito dos seus leitores.

Não é, pois, à toa, que temas como: “educação feminina”, “educação de mulher”, “educação doméstica” retratavam diversos tipos de mulheres como a coquete e a melindrosa e seus comportamentos, impondo posições de valores negativos e positivos que eram endereçados às mulheres para que estas estivessem avisadas sobre o comportamento certo a seguir. Outros títulos eram menos evidentes como: “saias curtas”, “quinzena agrícola”, “nevrose da simulação”, além de outros que se destacam por sua natureza simples como: “mulheres...”, “amor”, “ardil”, dão conta de transmitir modelos de como homens e mulheres devem se relacionar e se posicionar ante o amor. (RODRIGUES, 2011)

Significativa parte da revista apresenta certa profusão pelas sensibilidades, repartidas em seções, poemas, reflexões, contos, colunas, a começar pela seção das *Notas Sociais, Cartas de*

*Mulher, Trovas da Roça, Vida Alheia, Álbum de Mlle. Analice Caldas, Quinzena Agrícola.* Tratavam de difundir e registrar um discurso amoroso que desse conta das aspirações do seu contexto, ou seja, a emergente modernidade, mas que por outro lado resguardasse certos códigos de valores. Obviamente as questões políticas também eram contemplada pela *Era Nova*, através dos impressos jornalísticos (artigos, entrevistas, reportagens). “O fundamental é que diversas esferas da vida social estivessem presentes as revistas.” (DIOGO, 2005, p. 474)

Como afirma Diogo (2005) essas colunas exerciam o papel de fiscais do gosto, de censores, de ditadores da moda, estabelecendo o que era certo e o que era errado, já que a aparência no mundo moderno se tornava cada vez mais o cartão de apresentação. Sua função pedagógica ficava assim resguardada.

### **Algumas considerações**

A revista se inseri no cotidiano de boa parte da população das cidades informando e construindo aspectos da vida urbana a partir do seu registro dos acontecimentos, difundidos em mensagens rápidas, fragmentadas e de tons leve, criando para si um modelo ideal de civilidade. Lançando mão para tanto dos seus recursos gráficos e técnicos, como o uso da ornamentação e das fotogravuras de modo a atrair o leitor, mas sempre visando um efeito moralizante.

Buscamos a vista disso, pensar a materialidade da fonte, a partir de um levantamento de dados referentes à produção e criação da revista, bem como a contextualização do seu corpo dirigente, de modo a identificamos seu aparato pedagógico e as quais projetos respondiam.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos. *Outras Histórias. Cultura e Poder na Paraíba [1889 – 1930]*. João Pessoa: Editora Universitária as UFPB, 2010. **Errado, colocar o certo sobre imagem**

ARAUJO, Fatima. *Paraíba: Imprensa e Vida- Jornalismo Impresso 1826-1984*. Edição Ilustrada, 1986.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Pequeno Dicionário dos Escritores/ Jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antônio da Fonseca a Assis de Chateaubriand*. João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>

- BOBBIO, Nobert. *Dicionário de Política I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1º Ed., 1998.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. *História, literatura e legados historiográficos*. [entrevista] IN. REVISTA de História Saeculum. João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História, jan/jun. 2009.
- CHARTIER, Roger. *Debate Literatura e História*. Topio, Rio de Janeiro, nº 1, p. 197-216.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Portugal: DIFEL, 2002. P. 14 – 28
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DARTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIOGO, Marcia Cezar. O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro. In. CHALHOUB, Sidney. et all (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de historia social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2005.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *Mitos, Emblemas, Sinais*. 2 ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 143-179.
- HISTÓRIA DO REVESTIMENTO DE PAPEL E CARTÃO NO BRASIL. Disponível em: <http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasklock/polpaepapel/revestimentobr.pdf>. Acessado em 07 de novembro de 2012.
- IHGP, Revista do *Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. Ano XC, João Pessoa: julho, 1999, nº31.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1996.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MOUILLAUD, Maurice. Da Forma ao Sentido. In. PORTO, Sergio Dayrell. *O Jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2002. 2 ed. 29-36
- PEREIRA, João Batista. *Sobre História e Literatura*. In. REVISTA de História Saeculum. João Pessoa: Departamento de História/ Programa de Pós-Graduação em História, jan/jun. 2009.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva Rodrigues. *Trágicos, Interesseiros e Regradados: Representações do amor na Parahyba dos anos 1920*. 2011. 60 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso-TCC) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.